



Fotos: Divulgação

“Minha ideia é que sejamos pessoas melhores com tecnologia ou não”, pontua o escritor

Rettiru

Cenário futurista para um tema atual



Livro é voltado para o público infantojuvenil e conta com ilustrações de Luciano Tasso

Obra de Cesar Obeid propõe que jovens reflitam sobre o uso desenfreado das tecnologias

LUIZ FERNANDO VIEIRA
DA REDAÇÃO

Em um futuro hipotético, as pessoas terão chegado a uma fase de evolução em que serão raros conflitos, fome, doenças ou destruição da natureza. Mas nem todos estarão em sintonia com esse novo estado de coisas. Eles terão que buscar uma forma de controlar sua dependência por tecnologia e experiências virtuais. Esse é basicamente o enredo do livro infantojuvenil *Rettiru* (Editora Paulus), do escritor paulista Cesar Obeid com ilustrações de Luciano Tasso.

Sem negar a importância e os benefícios das novas tecnologias, a obra apresenta uma reflexão sobre seu uso desenfreado num cenário futurista sustentável, sugerindo caminhos aos leitores. A trama gira em torno de um grupo de jovens que vão para uma fazenda, no futuro - mais precisamente o final do século 21 -, para fazer uma espécie de “desintoxicação eletrônica”, explica o autor. O local é o referido *Rettiru*, o mesmo que “Retiro”, cuja grafia acabou mudando com o passar do tempo, como ocorreu com “pharmácia” e “facto”, exemplifica.

Nesse local, que fica envolto pela natureza, Os jovens plantam, trabalham com bioconstrução e realizam práticas de autoconhecimento, tudo para que voltem a interagir com o mundo real. Afinal, eles perderam até mesmo a capacidade de falar e de olhar uns nos olhos dos outros. O protagonista só consegue o objetivo dele, que é o “certificado de cura”, quando se vê de certa maneira obrigado a resolver um problema real, que até então só via nas projeções holográficas que criava, descreve Cesar.

“Dentro do *Rettiru* acontece um fato real que ele precisa resolver. Como um detetive ele sai em busca de informação e nessa busca, de objetivos concretos, ele se vê obrigado a se relacionar, a lidar com os próprios sentimentos”, revela o escritor. O protagonista, chamado Sélvio, teve que se adaptar a um novo mundo, onde ninguém mais se deixava distrair com os dispositivos eletrônicos e a tecnologia estava toda voltada a promover a evolução da raça humana.

Cesar conta que a ideia da história surgiu ao observar o próprio comportamento, o impulso involuntário de olhar a todo o momento o celular, preocupado em saber se alguém havia mandado mensagem, para ver se tinha recebido um e-mail ou ver o que as

outras pessoas estavam fazendo ou postando. “É um comportamento social. Hoje a gente observa que esse impulso, muitas vezes incontrolável, é uma tendência geral para muitas pessoas”, analisa.

A partir dessa constatação ele começou a construir a história, o que levou 9 meses. Boa parte deles escrevendo de madrugada, pois o tempo que sobrava durante o dia era voltado a auxiliar no cuidado com o filho pequeno, lembra. Mandou então seus escritos para a editora Paulus, que resolveu apostar na história e deu ao experiente ilustrador Luciano Tasso a incumbência de dar cor e forma às cenas de *Rettiru*.

Cesar deu liberdade ao artista para criar, frisando que gostaria de ver um futuro sustentável, na contramão do que muitos autores criam. “Quando vemos filmes ou livros de ficção científica, a maioria mostra um futuro degradante, em guerra, malcheiroso. Eu pedi para ele fazer um futuro com muita árvore, muita plantação”, conta. Cesar idealizou esse futuro com base no grande na preocupação que existe hoje em relação à alimentação, à natureza e às novas tecnologias. “Claro, o mundo não é perfeito, mas existe uma preocupação ambiental e com a saúde que não havia antigamente. Então pedi: ‘faça o futuro com muito verde e muita tecnologia boa’”, reproduz o autor.

Cesar diz acreditar na possibilidade de um futuro como o de *Rettiru*. Mas não sabe dizer se isso vai acontecer de fato. O que pode fazer é dar sua contribuição nesse sentido. “Na ficção a gente pode criar o que quiser. Eu acho esse mundo possível, mas muito mais do que pensar se vai ou não existir esse futuro sustentável, mostrar isso para um jovem hoje faz com que ele pense nas suas ações. Faça esse espelhamento”, diz.

Para o escritor, não há mal nenhum em termos toda essa tecnologia de entretenimento nas mãos. O grande problema é o fato dela gerar uma demasiada distração mental. “Essa distração mental faz com que a gente perca foco nas coisas que são importantes. Se você pega o celular o tempo inteiro para ver o que está acontecendo com o outro, você deixa de se preocupar com consigo mesmo”, exemplifica.

Cesar alerta inclusive para uma espécie de círculo vicioso que é criado e que nos leva a consumir cada vez mais. “O seu comportamento está sendo mapeado. Então, a pessoa sabe o que você come, do que gosta e do que não gosta, o que assiste e aí você vira um público alvo para ser bombardeado com informações. Mas que tipo de informação? Eu vejo um mundo que é

mostrado pra mim e você vê outro mundo mostrado para você. Então, se a gente não tiver discernimento, maturidade, sabedoria, fica muito vulnerável a isso”, alerta. Para o escritor, essa dependência afeta inclusive nossa capacidade criativa, nos tornando muito passivos e pouco ativos.

O autor faz questão de salientar que não é uma pessoa fechada à tecnologia. “Em nenhum momento falo mal da tecnologia. Ela está totalmente incorporada na sociedade. Para tudo, em todos os campos. Minha ideia é que sejamos pessoas melhores com tecnologia ou não. A questão não é tecnologia, é o uso que fazemos para distração e acabamos perdendo coisas muito essenciais”, reforça.

O livro também trata da questão da educação emocional, de conhecer nossos sentimentos, acrescenta Cesar. “Pensando também no que acontece hoje, por exemplo, se eu discuto com você, estou bravo, chateado, a primeira coisa que faço é pegar o celular para me distrair e perco o contato com essa emoção. Isso não é nada agradável. Ficar mais em contato com nossas emoções, sejam elas positivas ou negativas, é muito importante”, opina.

Os autores

César Obeid nasceu na capital paulista, em 1974. Quando criança lia somente os livros indicados pela escola. Foi somente aos 12 anos que se tornou um leitor criativo, ou seja, aquele que lê com prazer, por vontade própria, motivado. Aos 19 anos, começou a estudar dramaturgia, que é técnica da escrita teatral. Foi então que percebeu que podia criar enredos e poesias. Já publicou 35 livros para jovens e crianças. Algumas obras foram reconhecidas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Possui um canal de vídeos nas redes sociais e, também escreve artigos para jornais, sites, blogs e revistas, sobre literatura, poesia, autoconhecimento, criatividade, prosperidade, dependência tecnológica e culinária vegana.

Luciano Tasso nasceu no ano de 1974, na cidade de Ribeirão Preto, interior paulista. É graduado em Comunicação Social pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Trabalhou durante 9 anos como diretor de arte no Brasil e exterior. Em 2007, ilustrou diversos livros para editoras e, no ano seguinte, foi vencedor do Salão Internacional de Desenho para a Imprensa de Porto Alegre (RS) na categoria Ilustração editorial. De lá pra cá, já ilustrou vários títulos infantis e infanto-juvenis.



“A questão não é tecnologia, é o uso que fazemos para distração e acabamos perdendo coisas muito essenciais”